

R U Y F A B I A N O

CORREIO BRAZILIENS

26 ABR 1994

Sarney otimista

O senador José Sarney nega que esteja envolvido apenas num jogo de cena eleitoral, ao disputar a indicação pelo PMDB com Orestes Quércia. Sarney, segundo informa seu assessor, Fernando César Mesquita, está convencido de suas reais chances de vitória.

Seu otimismo, diz ele, não é aleatório. Baseia-se nos contatos que tem feito, em suas viagens pelos estados. O ex-presidente passou o feriado percorrendo o Norte do País, em contatos com as bases do PMDB. Esteve no Amapá, estado pelo qual se elegeu senador, no Amazonas e no Pará. Conversou com governadores, parlamentares e candidatos. E convenceu-se de que as coisas começam a mudar a seu favor.

O divisor de águas, acredita, foi a última pesquisa do Ibope, que o colocou em situação bem mais vantajosa que a de seu antagonista, Orestes Quércia. Sarney aparece em terceiro lugar, poucos pontos atrás de Fernando Henrique Cardoso. Orestes Quércia simplesmente não aparece. E ainda: quando Sarney é incluído na pesquisa, quem perde pontos, mesmo mantendo a dianteira, é Lula. O eleitoral do ex-presidente é basicamente de classe "d", onde Lula é bem votado.

Esses dados estariam mudando a cabeça dos peemedebistas. Esta coluna tem registrado sistematicamente o favoritismo de Quércia, que reduziu o universo das prévias eleitorais do PMDB, de modo a mantê-las sob controle. Esse tem sido também o ponto de vista predominante entre os que acompanham o processo sucessório. Sarney garante, no entanto, que o quadro mudou. Não revela quais suas alianças internas, em função de conveniências estratégicas. Mas avisa que quem acha que a disputa está previamente decidida terá grande surpresa.

O raciocínio do ex-presidente é simples: sendo a eleição casada, a estrutura partidária tende a optar pelo candidato presidencial que puxe mais votos e, dessa forma, favoreça

a eleição de bancadas mais numerosas. O que as duas últimas pesquisas do Ibope mostram é que Sarney, neste momento, possui mais votos que Quércia. E este, como se não bastasse, tem contra si vastos e pesados dossiês, que serão desovados ao longo da campanha.

Revisão — Há um esforço derradeiro de lideranças conservadoras, sobretudo do PFL, PMDB e PSDB, para dar curso à revisão constitucional, ainda que em formato mais reduzido. Admitem que esta será a semana decisiva. Caso não decole, nada mais há a fazer, senão sepultá-la - e, naturalmente, em cova rasa.

O relator Nelson Jobim não crê em mais essa tentativa. Por isso, pede tramitação preferencial para a emenda que estabelece revisões futuras a cada cinco anos. A idéia, baseada na Constituição portuguesa, é altamente controversa. E o Congresso não parece interessado em discuti-la. O governo continua indiferente ao tema. Quer apenas alguns ajustes relativos ao plano. Nada mais. A semana, de resto, não é favorável. As atenções estarão voltadas para a sequência dos julgamentos dos deputados enquadrados pela CPI do Orçamento.

Fiúza — Amanhã, o deputado Ricardo Fiúza será julgado pela Comissão de Constituição e Justiça da Câmara. O relatório do deputado Hélio Bicudo (PT-SP) pede sua cassação. Fiúza, porém, apresentará defesa bem fundamentada. Espera-se um duro duelo entre ataque e defesa. Na ocasião da CPI do Orçamento, Fiúza foi, dos acusados, o que apresentou defesa mais longa e fundamentada. Promete repetir a dose.

Intervenção — O deputado Roberto Campos sonha com o retorno da capital para o Rio. Simultaneamente, a Justiça carioca examina proposta de intervenção federal no Rio. Visões distintas sobre a federalização da cidade...